

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO II

JUNHO DE 1859

Nº 6

O Músculo Estalante

Os adversários do Espiritismo acabam de fazer uma descoberta que deve contrariar sobremaneira os Espíritos batedores; para eles é um desses golpes de clava do qual dificilmente se restabelecerão. Com efeito, que devem pensar esses pobres Espíritos da terrível cutilada com que o Sr. Schiff acaba de atingi-los, e depois o Sr. Jobert, de Lamballe e, por fim, o Sr. Velpeau? Parece-me vê-los bastante confusos, argumentando mais ou menos assim: “Pois bem, meu caro, estamos em maus lençóis! Estamos perdidos! Não havíamos contado com a anatomia, que descobriu as nossas artimanhas. Decididamente, não há condições de se viver num país onde há gente que enxerga com tanta clareza.” – Vamos, senhores patetas, que acreditastes em todas essas histórias inverossímeis; impostores que nos quisestes fazer acreditar na existência de seres que não vemos; ignorantes que imaginais possa existir algo que escape ao nosso escarpelo, *inclusive a vossa alma*; e todos vós, escritores espíritas ou espiritualistas, mais ou menos espirituosos, inclinai-vos e reconhecei que não passais de tolos, de charlatães e até mesmo de velhacos e de imbecis: esses senhores vos deixam a escolha, porque aqui está a luz, a verdade pura.

“**Academia das Ciências** [Sessão de 18 de abril de 1859] – **DA CONTRAÇÃO RÍTMICA MUSCULAR INVOLUNTÁRIA.** – O Sr. Jobert (de Lamballe) comunica um fato curioso de contração rítmica involuntária do pequeno perônio lateral direito, que confirma a opinião do Sr. Schiff relativamente ao fenômeno oculto dos *Espíritos batedores*.

“A Senhorita X, de quatorze anos, forte, bem constituída, desde os seis anos é acometida de movimentos involuntários regulares do músculo pequeno perônio lateral direito e de batidas que são ouvidas por detrás do maléolo externo direito, com a regularidade do pulso. Apareceram pela primeira vez na perna direita, durante a noite, acompanhados de dor muito forte. Pouco tempo depois, o pequeno perônio lateral esquerdo foi atingido por uma afecção da mesma natureza, embora de menor intensidade.

“O efeito desses batimentos é o de causar dor, produzir claudicações e, até mesmo, provocar quedas. A jovem doente declarou-nos que a extensão do pé e a compressão exercida sobre certos pontos do pé e da perna chegam a detê-los, não obstante continue sentindo dores e fadiga no membro.

“Quando essa interessante criatura se nos apresentou, eis em que estado a encontramos: ao nível do maléolo externo direito, em direção ao bordo superior dessa saliência óssea, era fácil constatar um batimento regular, acompanhado de intumescência passageira e de um levantamento das partes moles da região, os quais eram seguidos por um ruído seco que se sucedia a cada contração muscular. Esse ruído era ouvido no leito, fora dele e a uma distância assaz considerável do local onde a jovem repousava. Notável pela sua regularidade e pelo seu estrépito, tal ruído a acompanhava por toda parte. Aplicando a orelha à perna, ao pé ou ao maléolo, distinguia-se um choque incômodo que atingia todo o trajeto percorrido pelo músculo, absolutamente como se fora um

golpe que se transmitisse de uma a outra extremidade de uma viga. Por vezes o ruído se assemelhava a um atrito, a uma raspadela, desde que as contrações fossem menos intensas. Esses mesmos fenômenos sempre se reproduziam, estivesse a doente em pé, sentada ou deitada, independentemente da hora do dia ou da noite em que a examinávamos.

“Se estudarmos o mecanismos dos batimentos produzidos, e se, para maior clareza, dividirmos cada batimento em dois tempos, veremos que:

“No primeiro tempo o tendão do pequeno perônio lateral se desloca, ao sair de sua goteira, levantando necessariamente o grande perônio lateral e a pele;

“No segundo tempo, realizado o fenômeno de contração, seu tendão se relaxa e se movimenta na goteira, produzindo, contra ela, o ruído seco e sonoro de que acabamos de falar.

“Repetia-se, por assim dizer, de segundo em segundo, e cada vez o pequeno artelho sentia um abalo e a pele que recobre o quinto metatarso era levantada pelo tendão. Cessava quando o pé era fortemente estendido. Cessava, ainda, quando se exercia pressão sobre o músculo ou a bainha dos perônios.

“Nestes últimos anos os jornais franceses e estrangeiros têm falado muito de ruídos semelhantes a golpes de martelo, ora se sucedendo com regularidade, ora afetando um ritmo particular, que se produziam em volta de certas pessoas deitadas em seu leito.

“Os charlatães se apoderaram desses fenômenos singulares, cuja realidade, aliás, é atestada por testemunhas dignas de fé. Tentaram relacioná-los à intervenção de uma causa sobrenatural, deles se servindo para explorar a credulidade pública.

“A observação da senhorita X... mostra como os tendões deslocados, no momento em que retornam à goteira óssea, podem produzir batimentos, sob a influência da contração muscular, anunciando, assim, para certas pessoas, a presença de Espíritos batedores.

“Exercitando-se, qualquer pessoa pode adquirir a faculdade de produzir, à vontade, semelhantes deslocamentos de tendões e batimentos secos que se ouvem a distância.

“Repelindo qualquer idéia de intervenção sobrenatural e notando que esses batimentos e ruídos estranhos se passavam sempre ao pé do leito dos indivíduos agitados pelos Espíritos, o Sr. Schiff se interrogou se a sede desses ruídos não estaria neles próprios, em vez de se situarem exteriormente. Seus conhecimentos anatômicos levaram-no a pensar que bem podia ser na perna, na região peronial, onde se encontra uma superfície óssea, tendões e uma bainha comum.

“Estando bem sedimentada em seu espírito essa maneira de ver, fez ele experiências e tentativas em si mesmo, que lhe não permitiram duvidar que o ruído tinha sua sede por detrás do maléolo externo e nas bainhas dos tendões do perônio.

“Logo o Sr. Schiff foi capaz de executar ruídos voluntários, regulares, harmoniosos e, perante um grande número de pessoas, cerca de cinqüenta, pôde imitar os prodígios dos Espíritos batedores, com ou sem sapatos, de pé ou deitado.

“Concluiu o Sr. Schiff que todos esses ruídos se originam no tendão do grande perônio, quando passa na goteira peronial, acrescentando que eles coexistem com um adelgaçamento ou ausência da bainha comum no grande e no pequeno perônio. Quanto a nós, admitindo inicialmente que todos esses batimentos fossem produzidos pela queda de um tendão contra a superfície óssea peronial, pensamos, entretanto, não haver necessidade de

uma anomalia da bainha para os percebermos. Basta a contração do músculo, o deslocamento do tendão e seu retorno à goteira para que o ruído aconteça. Além disso, somente o pequeno perônio é o agente do ruído em questão. Com efeito, ele ostenta uma direção mais reta que o grande perônio, que sofre vários desvios em seu trajeto; situa-se profundamente na goteira; recobre completamente a goteira óssea, sendo natural concluirmos que o ruído é produzido pelo choque desse tendão contra as partes sólidas da goteira; apresenta fibras musculares até a entrada do tendão na goteira comum, ao passo que se dá o contrário com o grande perônio.

“O ruído é variável em sua intensidade e, com efeito, nele podemos distinguir diversos matizes. É assim que, desde o barulho estridente, que se percebe a distância, encontramos variedades de ruídos, de atritos, de serra, etc.

“Utilizando o método subcutâneo fizemos incisões repetidas através do corpo do pequeno perônio lateral direito e no corpo do mesmo músculo do lado esquerdo de nossa doente e mantivemos os membros imobilizados com o auxílio de um aparelho. Reunidas as partes, as funções dos dois membros foram restabelecidas sem qualquer traço dessa singular e rara afecção.

“Sr. Velpeau. – Os ruídos de que acaba de tratar o Sr. Jobert em seu interessante comunicado parecem ligados a uma questão muita vasta. Com efeito, observam-se esses mesmos ruídos em diversas regiões. O quadril, a espádua, a face interna do pé freqüentemente se lhe tornam a sede. Entre outros vi uma dama que, auxiliada por certos movimentos de rotação da coxa, produzia uma espécie de música assaz manifesta para ser ouvida de um a outro lado do salão. O tendão da porção longa do bíceps braquial a produz facilmente ao sair de sua bainha, quando os feixes fibrosos que o retêm naturalmente se relaxam ou se rompem. O mesmo acontece com o músculo posterior da perna ou com o músculo flexor do grande artelho, por trás do maléolo interno. Tais

ruídos se explicam, como bem o compreenderam os Srs. Schiff e Jobert, pela fricção ou pelos sobressaltos dos tendões nas ranhuras ou contra os bordos das superfícies sinoviais. Conseqüentemente, são possíveis numa infinidade de regiões ou na vizinhança de uma porção de órgãos. Ora claros e bem audíveis, ora surdos ou obscuros, por vezes úmidos, outras vezes secos, variam, aliás, extremamente de intensidade.

“Esperemos que o exemplo dado a respeito pelos Srs. Schiff e Jobert levem os fisiologistas a se ocuparem seriamente com esses vários ruídos e que um dia eles dêem a explicação racional de fenômenos incompreendidos ou até aqui atribuídos a causas ocultas e sobrenaturais.

“Sr. Jules Cloquet. – Em apoio às observações do Sr. Velpeau sobre os ruídos anormais que os tendões podem produzir nas diversas regiões do corpo, cita o exemplo de uma moça de dezesseis a dezoito anos que lhe foi apresentada no Hospital São Luís, numa época em que os senhores Velpeau e Jobert eram vinculados a esse mesmo estabelecimento. O pai da jovem, que se intitulava *pai de um fenômeno*, espécie de saltimbanco, esperava tirar partido da filha, exibindo-a publicamente. Anunciou que ela tinha no ventre um movimento de pêndulo. A moça estava perfeitamente conformada. Por um leve movimento de rotação na região lombar da coluna vertebral, ela produzia estalidos muito fortes, mais ou menos regulares, segundo o ritmo de ligeiros movimentos que imprimia à parte inferior do tronco. Esses ruídos anormais podiam ser ouvidos perfeitamente a mais de vinte e cinco pés de distância e assemelhavam-se ao ruído das antigas máquinas de assar carne; eram interrompidos à vontade da moça e pareciam ter sua sede nos músculos da região lombo-dorsal da coluna vertebral.”

Extraído da *Abeille médicale*, julgamo-nos no dever de transcrever este artigo integralmente para a edificação de nossos

leitores, a fim de não sermos acusados de querer esquivar-nos a certos argumentos que ele contém. Com algumas variantes, foi reproduzido em diferentes jornais, acompanhados dos costumeiros epítetos. Não temos o hábito de ressaltar as grosserias; deixamo-las de lado, porque o nosso bom-senso nos diz que nada se prova com tolices e injúrias, por mais sábio que se seja. Se o artigo em questão se tivesse limitado a banalidades, que nem sempre são marcadas pelo cunho da urbanidade e da boa educação, não o teríamos mencionado. Mas ele trata a questão do ponto de vista científico; sobrecarrega-nos com demonstrações, com as quais pretende pulverizar-nos; vejamos, pois, se de fato estamos mortos pelo decreto da Academia das Ciências, ou se temos alguma chance de viver, como o pobre louco Fulton, cujo sistema foi declarado um sonho vazio e impraticável pelo Instituto, o que apenas privou a França da iniciativa do navio a vapor; e quem sabe as conseqüências que tal poderio, nas mãos de Napoleão I, poderia ter acarretado sobre os acontecimentos ulteriores!

Faremos apenas um breve reparo sobre a qualificação de charlatães, atribuída aos partidários das idéias novas. Ela nos parece um tanto arriscada, quando se aplica a milhões de criaturas que delas não tiram qualquer proveito e quando alcança os planos mais elevados da escala social. Esquecem que o Espiritismo fez, em alguns anos, incríveis progressos em todas as partes do mundo; que não se propaga entre os ignorantes, mas no seio das classes esclarecidas; que conta em suas fileiras um grande número de médicos, magistrados, eclesiásticos, artistas, homens de letras e altos funcionários, pessoas às quais geralmente se reconhece algumas luzes e um mínimo de bom-senso. Ora, confundi-los no mesmo anátema e remetê-los sem qualquer cerimônia para os hospícios é agir com excessiva prepotência.

Mas, direis, trata-se de criaturas de boa-fé, vítimas de uma ilusão; não negamos o efeito, apenas contestamos a causa que

lhe atribuí. A Ciência acaba de descobrir a verdadeira causa, tornando-a conhecida e, por isso mesmo, fazendo desabar todo esse altar de fantasias místicas de um mundo invisível, que pode seduzir as imaginações exaltadas, embora sinceras.

Não nos vangloriamos de sabedoria, nem muito menos ousaríamos colocar-nos no mesmo nível de nossos honrados adversários. Diremos tão-só que nossos estudos pessoais de anatomia e de ciências físicas e naturais, que tivemos a honra de professar, nos permitem compreender a sua teoria, e que de modo algum nos sentimos aturdidos por essa avalanche de palavreado técnico. Os fenômenos de que falam são-nos perfeitamente conhecidos. Em nossas observações sobre os efeitos atribuídos aos seres invisíveis tivemos o cuidado de não negligenciar uma causa tão patente de desprezo. Quando um fato se apresenta, não nos contentamos com uma única observação; queremos vê-lo sob todos os ângulos, sob todas as faces e, antes de aceitar uma teoria, imaginamos se ela corresponde a todas as circunstâncias, se nenhum fato desconhecido virá contradizê-la; numa palavra, se resolve todas as questões. A verdade tem o seu preço. Admitis bem, senhores, que esta maneira de proceder é bastante lógica. Pois bem! Malgrado todo o respeito devido ao vosso saber, apresentam-se algumas dificuldades na aplicação de vosso sistema àquilo que se costuma chamar de Espíritos batedores. Em primeiro lugar, é no mínimo singular que essa faculdade, até o momento excepcional e vista como um caso patológico, qualificada pelo Sr. Jobert (de Lamballe) de *rara e singular afecção*, de repente se tenha tornado tão comum. É verdade que o Sr. de Lamballe diz que todo homem pode adquiri-la pelo exercício; mas como também afirmou que ela se faz acompanhar de dor e fadiga, o que é bastante natural, é de convir que precisamos ter uma vontade de mistificar muito forte para fazer nosso músculo estalar durante duas ou três horas seguidas, quando isso a nada leva, e pelo só prazer de divertir as pessoas.

Mas falemos seriamente. Isto é mais grave, porque é ciência. Esses senhores, que descobriram esta maravilhosa propriedade do grande perônio, não desconfiam absolutamente de tudo quanto pode fazer esse músculo. Ora, eis aí um belo problema a resolver. Os tendões deslocados não batem somente nas goteiras ósseas; por um efeito verdadeiramente bizarro, também vão bater nas portas, paredes e tetos, e isso à vontade, exatamente nos locais designados. Mas se quereis algo ainda mais forte, vede o quanto a Ciência estava longe de suspeitar de todas as virtudes desse músculo estalador: ele tem o poder de levantar uma mesa sem a tocar, de fazê-la andar com os pés, de caminhar na sala, de manter-se no espaço sem ponto de apoio; de abri-la e de fechá-la e, julgai com que força! de fazê-la quebrar-se ao tombar no chão. Pensais que se trata de uma mesa frágil e leve como uma pena, que a gente levanta com um sopro? Acordai, senhores, trata-se de mesas pesadas e maciças, de cinqüenta a sessenta quilos, que obedecem a moçóilas e crianças. Mas, dirá o Sr. Schiff, nunca vi esses prodígios. Isso é fácil de compreender: ele não quis ver senão as pernas.

Em suas observações terá o Sr. Schiff considerado a necessária independência das idéias? Estava imune de qualquer prevenção? Temos o direito de duvidar; e não somos nós que o dizemos, é o Sr. Jobert. Segundo ele, o Sr. Schiff perguntou, ao falar de médiuns, se a sede desses ruídos não estaria de preferência neles, e não fora deles; *seus conhecimentos anatómicos o levaram a pensar que bem podia ser na perna. Estando esse modo de ver bem sedimentado em seu espírito*, etc. Assim, conforme a confissão do Sr. Jobert, o Sr. Schiff tomou por ponto de partida não os fatos, mas sua própria idéia, sua idéia preconcebida, *bem sedimentada*. Daí as pesquisas num sentido exclusivo e, conseqüentemente, uma teoria exclusiva que explica perfeitamente o fato que ele viu, mas não aqueles que não viu. E por que não os viu? Porque em seu pensamento só havia um ponto de partida verdadeiro, e uma explicação verdadeira. Partindo daí, todo o resto deveria ser falso e não merecia exame. Disso resultou que, em sua ânsia de destruir os médiuns, errou o alvo.

Senhores, imaginai conhecer todas as virtudes do grande perônio porque o surpreendestes a tocar violão em sua bainha? Ora, ora! Eis aqui algo muito diferente a registrar nos anais da Anatomia. Pensastes que o cérebro fosse a sede do pensamento. Errado! Pode-se pensar pelo tornozelo. As batidas dão provas de inteligência; portanto, venham esses golpes exclusivamente do perônio, venham do grande perônio, conforme o Sr. Schiff, venham do pequeno, conforme o Sr. Jobert – seria preciso que eles se entendessem a respeito – é porque o perônio é inteligente. Isto nada tem de surpreendente. Fazendo estalar o seu músculo à vontade, o médium executará o que quiserdes: imitará a serra, o martelo, baterá a chamada e o ritmo de uma ária pedida. Que seja! Mas quando o ruído responde a alguma coisa que o médium ignora completamente; quando revela pequenos segredos que somente vós conheceis, segredos que desejaríamos esconder de nossa própria sombra, é preciso convir que o pensamento vem de outra parte que não o cérebro. De onde virá, então? Meu Deus do céu! Do grande perônio. E isso não é tudo: esse grande perônio também é poeta, desde que pode compor versos encantadores, não obstante o médium jamais os tenha feito em sua vida; ele é poliglota, porque dita coisas verdadeiramente muito sensatas, em línguas de que o médium não conhece uma só palavra; ele é músico... nós bem o sabemos, pois o Sr. Schiff fez o seu executar sons harmoniosos, com ou sem sapatos, perante cinqüenta pessoas. Sim; mas também compõe. Vós, Sr. Dorgeval, que ultimamente nos destes uma encantadora sonata, acreditais realmente ter sido o Espírito Mozart que vo-la ditou? Acordai: era o vosso grande perônio que tocava piano. Na verdade, senhores médiuns, não desconfiáveis possuir tanto espírito em vossos calcanhares. Glória, pois, aos que fizeram essa descoberta; que seus nomes sejam inscritos em letras maiúsculas para a edificação da posteridade e honra de sua memória!

Dirão que gracejamos com coisas sérias. Mas os gracejos não são raciocínios, do mesmo modo que também não o

são as tolices e as grosserias. Confessando nossa ignorância junto a esses senhores, aceitamos a sua sábia demonstração e a tomamos muito a sério. Pensávamos que certos fenômenos eram produzidos por seres invisíveis que se deram o nome de Espíritos; é possível que tenhamos nos enganado. Como procuramos a verdade, não alimentamos a ridícula pretensão de insistir numa idéia que, de maneira tão peremptória, nos demonstram ser falsa. Desde que o Sr. Jobert, por meio de uma incisão subcutânea, solapou os Espíritos, é porque já não existem Espíritos. Considerando que, segundo ele, todos os ruídos vêm do perônio, é preciso acreditá-lo e admiti-lo em todas as suas conseqüências. Assim, quando as batidas são dadas na parede ou no teto, ou o perônio lhes corresponde ou a parede tem um perônio; quando esses golpes ditam versos através de uma mesa que bate o pé, de duas coisas uma: ou a mesa é poetisa ou o perônio é poeta. Isso nos parece lógico. Vamos ainda mais longe: certo dia em que fazia experiências espíritas, um oficial de nosso conhecimento recebeu, por mão invisível, um par de bofetadas tão bem aplicadas que ainda as sentia duas horas depois. Ora, como provocar uma reparação? Se semelhante fato acontecesse com o Sr. Jobert, ele não se inquietaria: apenas diria ter sido agredido pelo grande perônio.

Eis o que lemos a respeito no jornal *La Mode*, de 1º de maio de 1859:

“A Academia de Medicina continua a cruzada dos espíritos positivos contra o maravilhoso de qualquer gênero. Depois de haver, com justa razão, mas talvez um tanto desajeitadamente, fulminado o famoso doutor negro, pela voz do Sr. Velpeau, eis que acaba de ouvir o Sr. Jobert (de Lamballe) declarar, em pleno Instituto, o segredo daquilo que ele chama a grande comédia dos *Espíritos batedores*, que foi representada com tanto sucesso nos dois hemisférios.

“Segundo o célebre cirurgião, todo *toc toc*, todo *pan pan* que faz estremecer as pessoas que os escutam; todos esses ruídos

singulares, esses golpes secos, vibrados sucessivamente e como que cadenciados, precursores da chegada, sinais evidentes da presença dos habitantes do outro mundo, resultam simplesmente de um movimento imprimido a um músculo, a um nervo, a um tendão! Trata-se de uma bizarrice da Natureza, habilmente explorada para produzir, sem que se possa constatar, essa música misteriosa que encantou e seduziu tanta gente.

“A sede da orquestra é na perna. É o tendão do perônio, tocando no interior da bainha, que produz todos esses ruídos que são ouvidos sob as mesas ou a distância, ao bel prazer do prestidigitador.

“De minha parte duvido muito que o Sr. Jobert tenha posto a mão, como imagina, no segredo daquilo que ele mesmo chama “uma comédia”, parecendo-me que os artigos publicados nesse mesmo jornal, por nosso confrade Sr. Escande, sobre os mistérios do mundo oculto, apresentam a questão com uma amplidão bem diferente, sincera e filosófica, no bom sentido da palavra.

“Entretanto, se os charlatães de todos os matizes incomodam pelo barulho que fazem, temos de convir que esses sábios senhores por vezes não o são menos, com a esponja que pretendem aplicar sobre tudo quanto escape ao brilho dos candelabros oficiais.

“Não compreendem que a sede do maravilhoso, que devora nossa época, deve-se justamente aos excessos do positivismo para onde certos espíritos quiseram arrastá-la. A alma humana tem necessidade de crer, de admirar e de contemplar o infinito. Trabalharam para fechar as janelas que o catolicismo lhe abria; por isso ela olha pelas clarabóias, sejam quais forem.”

Henry de Pène

“Nosso excelente amigo, Sr. Henry de Pène, certamente nos permitirá uma observação. Ignoramos quando o Sr. Jobert fez essa imortal descoberta e qual o dia memorável em que a comunicou ao Instituto. O que sabemos é que essa original explicação já havia sido dada por outros. Em 1854, o Dr. Rayer, um célebre clínico, que naquela época não deu provas de grande perspicácia, também apresentou, ao Instituto, um alemão, cuja habilidade, segundo ele, dava a chave de todos os *knokings* e *rappings* dos dois mundos. Tratava-se, como hoje, do deslocamento de um dos tendões musculares da perna, chamado o *grande perônio*. Sua demonstração foi feita numa sessão e a Academia expressou o seu reconhecimento por intermédio dessa interessante comunicação. Alguns dias depois, um professor substituto da Faculdade de Medicina consignou o fato no jornal *Constitutionnel* e teve a coragem de acrescentar que “finalmente os cientistas se haviam pronunciado e o mistério estava esclarecido.” Essa declaração não impediu que o mistério persistisse e aumentasse, a despeito da Ciência que, recusando-se a fazer experiências, contentava-se em atacá-lo por meio de explicações ridículas e burlescas, como estas a que acabamos de nos referir. Em respeito ao Sr. Jobert (de Lamballe), apraz-nos pensar que lhe atribuíram uma experiência que absolutamente não lhe pertence. Algum jornal, ansioso por novidades, terá encontrado nalgum recanto esquecido de sua pasta a antiga comunicação do Sr. Rayer e a terá ressuscitado, publicando-a sob o seu patrocínio, a fim de variar um pouco. *Mutato nomine, de te fabula narratur*. É lastimável, sem dúvida, mas ainda é melhor do que se o jornal tivesse dito a verdade.”

A. Escande

Intervenção da Ciência no Espiritismo

A intervenção das corporações científicas é um dos argumentos invocados incessantemente pelos adversários do Espi-

ritismo. Por que não se apropriaram do fenômeno das mesas girantes? Se nele tivessem visto algo de sério, dizem, não se poriam em guarda contra fatos tão extraordinários e, muito menos, os tratariam com desprezo, ao passo que agora são todas contra vós. Não são os cientistas o feixe de luz das nações e não será seu dever espalhá-lo? Por que queríeis que eles o abafassem, quando se lhes apresentava tão bela ocasião de revelarem ao mundo uma força nova?

Em primeiro lugar, é um erro muito grave afirmar que todos os cientistas estejam contra nós, considerando-se que o Espiritismo se propaga justamente na classe esclarecida. Só existem cientistas na ciência oficial e nos corpos constituídos. Pelo fato de o Espiritismo não desfrutar ainda dos direitos de cidadania no âmbito da ciência oficial, poder-se-ia prejulgar a questão? É conhecida a circunspeção daquela em relação às idéias novas. Se a Ciência jamais se tivesse enganado, sua opinião poderia pesar na balança; a experiência, infelizmente, prova o contrário. Não repeliu como quimeras uma imensidão de descobertas que, mais tarde, ilustraram a memória de seus autores? Por isso deve-se concluir que os sábios sejam ignorantes? Isso justifica os epítetos triviais à custa do mau gosto que certas pessoas se aprazem em prodigalizar-lhes? Não, certamente. Não há ninguém de bom-senso que não faça justiça aos sábios, embora reconhecendo que não são infalíveis e que seu julgamento, assim, não representa a última instância. Seu erro é resolver certas questões um pouco levemente, confiando demasiado em suas luzes, antes que o tempo se tenha pronunciado, e assim se expondo a receber os desmentidos da experiência.

Cada um só tem competência para julgar o que conhece. Se quisermos construir uma casa, chamaremos um músico? Se estivermos doentes, seremos tratados por um arquiteto? Se tivermos um processo, buscaremos a opinião de um dançarino? Enfim, se se tratar de uma questão de teologia, pediremos a sua solução a um químico ou a um astrônomo? Não; cada qual no seu

ofício. As ciências vulgares repousam sobre as propriedades da matéria, que podemos manipular à vontade; os fenômenos que ela produz têm como agentes forças materiais. Os do Espiritismo têm como agente inteligências que possuem sua independência, seu livre-arbítrio, e de modo algum se submetem aos nossos caprichos; escapam, dessa forma, aos nossos processos anatômicos e laboratoriais, bem como aos nossos cálculos e, assim, não são da competência da ciência propriamente dita. A Ciência se enganou ao querer experimentar os Espíritos como se o fizesse a uma pilha voltaica; partiu de uma idéia fixa, preconcebida, à qual se aferra, e quer forçosamente ligá-la à idéia nova. Fracassou, e assim devia acontecer, porque agiu tendo em vista uma analogia que não existe. Depois, sem ir mais longe, concluiu pela negativa: julgamento temerário que o tempo diariamente se encarrega de reformar, como reformou tantos outros, e aqueles que o pronunciaram muito se envergonharão por haverem levemente assumido uma falsa posição contra o poder infinito do Criador. Assim, pois, as corporações científicas não devem, nem jamais deverão pronunciar-se sobre o assunto; ele não é da sua alçada, assim como também não o é o direito de decretar se Deus existe. É, pois, um erro constituí-las em juiz. Mas quem será o juiz? Os Espíritos se julgam no direito de impor suas idéias? Não; o grande juiz, o juiz soberano, é a opinião pública. Quando essa opinião se formar pela aquiescência das massas e dos homens esclarecidos, os cientistas oficiais a aceitarão como indivíduos e sofrerão a força das circunstâncias. Deixai passar uma geração e, com ela, os preconceitos do amor-próprio que se obstina, e veremos dar-se com o Espiritismo o mesmo que se deu com tantas outras verdades combatidas, que atualmente seria ridículo pôr em dúvida. Hoje, os crentes são chamados de loucos; amanhã será a vez dos que não crêem, exatamente como outrora eram tratados de loucos os que acreditavam que a Terra girasse, o que não a impediu de girar.

Mas nem todos os sábios julgaram do mesmo modo. Alguns fizeram o seguinte raciocínio: Não há efeito sem causa, e os

mais vulgares efeitos podem abrir caminho aos maiores problemas. Se Newton houvesse menosprezado a queda de uma maçã; se Galvani tivesse repellido a sua doméstica, tratando-a de louca e de visionária, quando ela lhe falou das rãs que dançavam no prato, talvez ainda estivéssemos procurando a admirável lei da gravidade e as fecundas propriedades da pilha. O fenômeno designado sob o burlesco nome de dança das mesas não é mais ridículo do que o da dança das rãs, e talvez encerre alguns desses segredos da Natureza que revolucionarão a Humanidade, quando possuímos a sua chave. Além disso, eles disseram: Desde que tanta gente se ocupa de tais fatos e desde que homens muito sérios os estudaram, é porque existe alguma coisa; uma ilusão, uma loucura, se quisermos, não pode ter esse caráter de generalidade; poderá seduzir um círculo, um grupelho, mas não fará a volta ao mundo.

Eis principalmente o que nos dizia ilustre doutor em Medicina, incrédulo até pouco tempo atrás e hoje fervoroso adepto:

“Dizem que os seres invisíveis se comunicam; e por que não? Antes da invenção do microscópio suspeitávamos da existência dessa miríade de animálculos que causam tanta devastação na economia? Onde a impossibilidade material da existência, no espaço, de seres que escapam aos nossos sentidos? Alimentaríamos, por acaso, a ridícula pretensão de tudo saber e dizer a Deus que ele não mais nos pode ensinar? Se esses seres invisíveis que nos cercam são inteligentes, por que não se comunicariam conosco? Se estão em relação com os homens, devem representar um papel no destino e nos acontecimentos. Quem sabe se não serão uma das potências da Natureza, uma dessas forças ocultas que não suspeitamos? Que novo horizonte se abre ao nosso pensamento! Que vasto campo de observação! A descoberta do mundo invisível seria bem diversa daquela dos infinitamente pequenos; seria mais que uma descoberta: seria uma completa revolução nas idéias. Quanta luz daí pode jorrar! Que de coisas misteriosas seriam explicadas! Os que assim acreditam são

ridicularizados. Mas o que isso prova? Não aconteceu o mesmo com todas as grandes descobertas? Cristóvão Colombo não foi repellido duramente, coberto de desgostos e tratado como insensato? Disseram que essas idéias são tão estranhas que a razão as recusa. Há somente meio século teríamos rido na cara de quem tivesse dito que em apenas alguns minutos seria possível corresponder-nos de um extremo a outro do mundo; que em algumas horas atravessaríamos a França; que com o vapor exalado de um pouco de água em ebulição um navio navegaria contra o vento; que da água seriam tirados os meios de iluminar e de aquecer. Propusesse alguém uma maneira de iluminar Paris inteira em um minuto, com uma única fonte de substância invisível, e o teriam enviado ao hospício. Haveria, então, mais prodígio em se imaginar fosse o espaço povoado de seres pensantes que, após terem vivido na Terra, nela deixaram o seu invólucro material? Não encontraríamos nesse fato a explicação de uma infinidade de crenças que remontam à mais alta Antigüidade? Não seria a confirmação da existência da alma, de sua individualidade após a morte? A prova da origem da própria religião? Entretanto, só vagamente nos diz a religião em que se tornam as almas, enquanto o Espiritismo o define. A tudo isso, que podem argumentar os materialistas e os ateus? Semelhantes coisas merecem ser aprofundadas.”

Eis aí as reflexões de um cientista, mas de um cientista desprezioso. São, também, as de uma significativa parcela de homens esclarecidos que refletiram, estudaram seriamente e sem idéias preconcebidas e tiveram a modéstia de não dizer: Não compreendo, portanto isso não existe. Sua convicção formou-se pela observação e no recolhimento. Se tais idéias fossem quimeras, seria possível imaginar que tantas pessoas de escol as tivessem adotado? que durante tanto tempo tivessem sido vítimas de uma ilusão? Não há, pois, nenhuma impossibilidade material à existência de seres para nós invisíveis e que povoam o espaço. Somente essa consideração deveria fazer-nos agir com um pouco mais de

circunspeção. Até algum tempo atrás, quem teria pensado que uma gota de água límpida pudesse conter milhares de seres vivos, de uma pequenez que confunde a nossa imaginação? Ora, à razão era mais difícil conceber seres assim tão sutis, providos de todos os nossos órgãos e funcionando como nós, do que admitir aqueles a quem chamamos de Espíritos.

Perguntam os adversários por que motivo os Espíritos, que se deveriam empenhar em fazer prosélitos, não se prestam melhor ao trabalho de convencer certas criaturas, cuja opinião teria grande influência. Acrescentam que os acusamos de falta de fé e a isto respondem, e com razão, que não podem acreditar por antecipação.

É um erro pensar que a fé seja necessária; mas a *boa-fé* é outra coisa. Há cépticos que negam até a evidência, e os próprios milagres não os convenceriam. Há mesmo os que ficariam muito aborrecidos de serem forçados a crer, pois o seu amor-próprio sofreria ao reconhecerem que se enganaram. O que responder a certas pessoas que, em toda parte, não enxergam senão charlatanismo e ilusão? Nada. É preciso deixá-las em paz e dizerem, enquanto quiserem, que nada viram e, até mesmo, que nada lhes pudemos fazer ver. A par desses cépticos endurecidos, há os que querem ver a seu modo; aqueles que, formada uma opinião, a ela tudo querem submeter, por não compreenderem a existência de fenômenos que não lhes obedecem à vontade. Ou não sabem, ou não querem dobrar-se às condições necessárias. Se os Espíritos não demonstram tanto zelo em conquistá-los por meio de prodígios é porque, no momento, pelo menos aparentemente, pouco interesse têm em convencer certas pessoas, cuja importância não medem como elas próprias o fazem. Precisamos convir que é pouco lisonjeiro, mas não lhes governamos a opinião. Os Espíritos têm uma maneira de julgar as coisas que nem sempre é a nossa; vêem, pensam e agem de acordo com outros elementos. Enquanto nossa vista é circunscrita pela matéria, limitada pelo estreito círculo

em meio ao qual nos achamos, eles tudo abarcam; o tempo, que nos parece tão longo, para eles é um instante, e a distância, nada mais que um passo; certos detalhes, que nos parecem de extrema importância, a seus olhos não passam de infantilidades, ao passo que julgam essenciais certas coisas cujo alcance não apreendemos. Para os compreender é preciso nos elevemos, pelo pensamento, acima do nosso horizonte material e moral e nos coloquemos sob o seu ponto de vista. Não lhes compete descer até nós: nós é que devemos subir até eles, conduzidos pelo estudo e pela observação. Os Espíritos apreciam os observadores assíduos e conscienciosos, para os quais multiplicam as fontes de luz; o que os afasta não é a dúvida originada da ignorância, mas a fatuidade desses pretensos observadores que nada observam, que aspiram a pô-los em xeque e a manobrá-los como marionetes. É sobretudo o sentimento de hostilidade e de descrédito que trazem, sentimentos que estão na mente, quando não nas palavras, malgrado os protestos em contrário. Para estes nada fazem os Espíritos, muito pouco se importando com o que possam dizer ou pensar, porque chegará a sua vez. Eis por que dissemos não ser a fé necessária, mas a boa-fé.

Ora, perguntamos se os nossos sábios adversários estarão sempre nessas condições. Querem os fenômenos às suas ordens, mas os Espíritos não lhes obedecem o comando: destes é necessário esperar a boa vontade. Não basta dizer: mostrai-me tal fato e acreditarei; é preciso ter vontade e perseverança, deixar que os fatos se produzam espontaneamente, sem querer forçá-los ou dirigi-los. Aquilo que desejardes será precisamente o que não haveis de obter, mas outros se apresentarão, e aquilo que desejais virá provavelmente no momento em que menos esperais. Aos olhos do observador atento e assíduo surge uma multidão de fenômenos, que se corroboram reciprocamente. Mas aquele que imagina ser suficiente girar a manivela para movimentar a máquina, engana-se redondamente. Que faz o naturalista que deseja estudar os costumes de um animal? Ordena-lhe fazer tal ou qual coisa para se dar ao prazer de o observar à vontade, e de acordo com a sua

conveniência? Não, pois sabe perfeitamente que não será obedecido. Em vez disso, *espreita* as manifestações espontâneas de seu instinto; espera-as e as surpreende de passagem. O simples bom-senso nos mostra, com mais forte razão, que assim deve acontecer com os Espíritos, que são inteligências muito mais independentes que a dos animais.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

ESPÍRITO ALEXANDRE DE HUMBOLDT

Falecido em 6 de maio de 1859; evocado na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos nos dias 13 e 20 do mesmo mês.

[*A São Luís*] – Poderíamos evocar o Espírito Alexandre de Humboldt, que acaba de falecer?

Resp. – Se quiserdes, amigos.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui. Como isto me espanta!

2. Por que isto vos espanta?

Resp. – Estou longe do que era, há apenas alguns dias.

3. Se vos pudéssemos ver, como seríeis visto?

Resp. – Como homem.

4. Nosso chamado vos contraria?

Resp. – Não.

5. Tivestes consciência de vosso novo estado logo após a morte?

Resp. – Eu a esperava há muito tempo.

Observação – Entre homens que, como o Sr. Humboldt, morrem de morte natural, pela extinção gradual das forças vitais, o Espírito se reconhece muito mais prontamente do que naqueles em

que a vida é bruscamente interrompida por um acidente ou morte violenta, posto já existir um começo de desprendimento antes de cessar a vida orgânica. No Sr. Humboldt a superioridade do Espírito e a elevação dos pensamentos facilitaram esse desprendimento, sempre mais lento e mais penoso naqueles cuja vida é inteiramente material.

6. Tendes saudades da vida terrestre?

Resp. – Não, absolutamente. Sinto-me feliz; não me vejo mais na prisão; meu Espírito é livre... Que alegria! E que doce momento me trouxe esta nova graça de Deus!

7. Que pensais da estátua que vos será erigida na França, embora sejais estrangeiro?

Resp. – Meus agradecimentos pessoais pela honra que me é feita. O que sobretudo aprecio em tudo isso é o sentimento de união que o fato demonstra, o desejo de ver extintos todos os ódios.

8. Vossas crenças mudaram?

Resp. – Sim, muito. Mas ainda não *revi* tudo. Esperai um pouco, antes de me falardes com mais profundidade.

Observação – Esta resposta e o termo *revi* são característicos do estado em que ele se encontra. Apesar do pronto desprendimento de seu Espírito, existe ainda certa confusão de idéias. Havendo deixado o corpo apenas há oito dias, ainda não teve tempo de comparar suas idéias terrestres com as que pode ter atualmente.

9. Estais satisfeito com o emprego que fizestes de vossa existência terrena?

Resp. – Sim. Cumpri mais ou menos o objetivo a que me propus. Servi à Humanidade, razão por que hoje sou feliz.

10. Quando vos propusestes este objetivo?

Resp. – Ao vir para Terra.

Observação – Desde que se propôs um objetivo ao vir à Terra, é porque tinha realizado um progresso anterior e sua alma não nascera ao mesmo tempo que o corpo. Essa resposta espontânea não pode ter sido provocada pela natureza da pergunta ou pelo pensamento do interlocutor.

11. Escolhestes esta existência terrena?

Resp. – Havia numerosos candidatos a esta obra; roguei ao Ser por excelência que ma concedesse, e a obtive.

12. Lembrais da existência que precedeu a que acabais de deixar?

Resp. – Sim; ela se passou longe de vós, num mundo muito diferente da Terra.

13. Esse mundo é igual, inferior ou superior à Terra?

Resp. – Desculpai; é superior.

14. Sabemos que nosso mundo está longe da perfeição e, conseqüentemente, não nos sentimos humilhados por haver outros acima de nós. Mas, então, como viestes a um mundo inferior àquele que habitáveis?

Resp. – Não damos aos ricos? Eu quis dar; por isso descí à cabana do pobre.

15. Poderíeis dar-nos uma descrição dos seres animados do mundo em que habitáveis?

Resp. – Ao vos falar há pouco, tinha esse desejo; mas compreendi, em tempo, que teria dificuldade de vo-lo explicar perfeitamente. Ali os seres são bons, *muito bons*; já compreendeis esse ponto, que é a base de todo o resto do sistema moral naqueles mundos: nada ali entrava o desenvolvimento dos bons pensamentos; nada lembra os maus; tudo é felicidade, porquanto cada um está contente consigo mesmo e com todos os que o cercam. Em relação à matéria e aos sentidos, qualquer descrição seria inútil. Que simplificação na engrenagem de uma sociedade!

Hoje, que me acho em condição de comparar as duas, surpreendo-me com a distância. Não penseis que assim falo para vos desanimar; não, muito ao contrário. É necessário que o vosso Espírito fique bem convencido da existência de tais mundos; então sentireis um ardente desejo de os alcançar e o trabalho vos abrirá o caminho.

16. Esse mundo faz parte do nosso sistema planetário?

Resp. – Sim; está muito próximo de vós. Entretanto, não podeis vê-lo, porque não tem luz própria e não recebe nem reflete a luz dos sóis que o rodeiam.

17. Há pouco havíeis dito que vossa precedente existência se passara longe de nós e agora dizeis que esse mundo é muito próximo. Como conciliar as duas coisas?

Resp. – Considerando-se as vossas distâncias e medidas terrenas, ele está longe de vós. Se, entretanto, tomardes o compasso de Deus e, num volver de olhos, tentardes abranger toda a Criação, estará próximo.

Observação – Evidentemente podemos considerá-lo longe se tomarmos como termo de comparação as dimensões de nosso globo; mas está perto em relação aos mundos que se encontram a distâncias incalculáveis.

18. Poderíeis precisar a região do espaço em que se acha esse mundo?

Resp. – É inútil. Os astrônomos jamais a conhecerão.

19. A densidade desse mundo é idêntica à do nosso globo?

Resp. – A proporção é infinitamente menor.

20. Seria esse mundo da natureza dos cometas?

Resp. – Não; absolutamente.

21. Se não tem luz própria, e não recebe nem reflete a luz solar, nele reinará uma perpétua escuridão?

Resp. – Os seres que lá vivem não necessitam absolutamente de luz; a obscuridade não existe para eles; não a compreendem. Pensaríeis, caso fôsseis cegos, que ninguém pudesse dispor do sentido da visão?

22. Conforme certos Espíritos, o planeta Júpiter é muito superior à Terra; isso é exato?

Resp. – Sim; tudo quanto vos disseram é verdade.

23. Revistes Arago depois que voltastes ao mundo dos Espíritos?

Resp. – É ele que me estendeu a mão quando deixei o vosso.

24. Em vida conhecestes o Espiritismo?

Resp. – O Espiritismo, não; o magnetismo, sim.

25. Qual a vossa opinião sobre o futuro do Espiritismo entre as corporações científicas?

Resp. – Grande; mas seu caminho será penoso.

26. Pensais seja ele aceito algum dia pelas organizações científicas?

Resp. – Certamente. Acreditais, entretanto, que isso seja indispensável? Ocupai-vos, antes de tudo, em inocular os seus primeiros preceitos no coração dos infelizes que enchem o vosso mundo: é o bálsamo que acalma os desesperos e dá esperança.

Observação – Havendo sido chamado na sessão de 27 de maio, através de outro médium, François Arago assim respondeu a perguntas análogas:

– Em vida, qual era a vossa opinião sobre o Espiritismo?

Resp. – Eu o conhecia muito pouco e, em consequência, não lhe atribuía muita importância; deixo-vos concluir se mudei de opinião.

– Pensais seja ele um dia aceito e reconhecido pelas corporações científicas? Refiro-me à ciência oficial, pois há muitos cientistas que individualmente o aceitam.

Resp. – Não somente o penso, como tenho certeza; ele terá o destino de todas as descobertas úteis à Humanidade: achincalhado, a princípio, pelos sábios orgulhosos e pelos tolos e ignorantes, acabará sendo por todos reconhecido.

27. Qual a vossa opinião sobre o Sol que nos ilumina?

Resp. – Aqui ainda nada aprendi sobre ciência; entretanto, sempre acreditei que o Sol não passa de um vasto centro elétrico.

28. Essa opinião é reflexo da que tínheis como homem ou é a vossa como Espírito?

Resp. – É a minha opinião quando vivia, corroborada pelo que sinto atualmente.

29. Pois que procedes de um mundo superior à Terra, como é possível que não adquiristes conhecimentos precisos sobre estas coisas, antes da vossa última existência e dos quais hoje vos lembraríeis?

Resp. – Certamente os tinha, mas o que perguntais não tem nenhuma relação com tudo quanto me foi possível aprender nas existências anteriores, tão diferentes da que deixei; a Astronomia, por exemplo, para mim foi uma ciência inteiramente nova.

30. Muitos Espíritos nos têm dito que habitavam ou haviam habitado outros planetas, mas nenhum nos dissera habitar o Sol. Por quê?

Resp. – O Sol é um centro elétrico e não um mundo; é um instrumento e não uma habitação.

– Então não tem habitantes?

Resp. – Habitantes fixos, não; visitantes, sim.

31. Acreditais que, dentro de algum tempo, quando vos tiver sido possível fazer novas observações, podereis fornecer-nos melhores informações sobre a natureza do Sol?

Resp. – Sim, talvez; será um prazer. Entretanto, não espereis muito de mim; não errarei por muito tempo.

32. Onde pensais ir quando deixardes a erraticidade?

Resp. – Deus haverá de permitir-me repousar por algum tempo; vou desfrutar dessa liberdade para reunir-me aos amigos muito caros que me esperam. Depois, não sei ainda.

33. Pedimos permissão para ainda vos dirigir algumas perguntas, considerando que os vossos conhecimentos de História Natural sem dúvida permitem que respondais.

A sensitiva e a dionéia têm movimentos que denotam grande sensibilidade e, em certos casos, uma espécie de vontade, como a última, por exemplo, cujos lóbulos apanham a mosca que sobre ela vem pousar para sorver o seu suco; parece que o vegetal lhe estende uma armadilha, para em seguida matá-la. Perguntamos se essas plantas são dotadas da faculdade de pensar, se têm uma vontade e se formam uma classe intermediária entre a natureza vegetal e a natureza animal; numa palavra, se representam a transição de uma à outra.

Resp. – Tudo é transição em a Natureza, pelo próprio fato de que nada é semelhante e, entretanto, tudo se encadeia. Essas plantas não pensam e, assim, não têm vontade. As ostras que se abrem, assim como todos os zoófitos, não pensam. Possuem apenas um instinto natural.

34. As plantas experimentam sensações dolorosas quando são mutiladas?

Resp. – Não.

Observação – Um membro da Sociedade manifesta a opinião de que os movimentos das plantas sensitivas são análogos aos que se produzem nas funções digestivas e circulatórias do organismo animal, e que ocorrem sem a participação da vontade. Com efeito, não se vê o piloro contrair-se ao contato de certos corpos para recusar-lhes a passagem? O mesmo deve ocorrer com a sensitiva e a dionéia, nas quais os movimentos não implicam absolutamente a necessidade de uma percepção e, menos ainda, de uma vontade.

35. Haverá homens fósseis?

Resp. – O tempo os destruíram pouco a pouco.

36. Acreditais tenham existido homens na Terra antes do dilúvio geológico?

Resp. – Seria bom que te explicasses claramente sobre esse ponto, antes de fazeres a pergunta. O homem estava na Terra muito antes dos dilúvios.

37. Adão não foi, então, o primeiro homem?

Resp. – Adão é um mito; onde colocas Adão?

38. Mito ou não, falo da época que a História lhe assinala.

Resp. – É pouco calculável para vós; é mesmo impossível avaliar o número de anos em que os primeiros homens permaneceram em estado selvagem e bestial, que não cessou senão muito tempo depois de seu primeiro aparecimento sobre o globo.

39. A Geologia fará com que um dia sejam descobertos os traços materiais da existência do homem na Terra, antes do período adâmico?

Resp. – A geologia, não; o bom-senso, sim.

40. O progresso do reino orgânico na Terra está marcado pelo aparecimento sucessivo dos acotiledôneos, dos

monocotiledôneos e dos dicotiledôneos. O homem existia antes dos dicotiledôneos?

Resp. – Não; sua fase seguiu aquela.

41. Agradecemos por haverdes atendido ao nosso apelo, bem como os ensinamentos que nos fornecestes.

Resp. – Foi um prazer. Adeus; até à vista.

Observação – Esta comunicação se distingue por um caráter geral de bondade, de benevolência e de uma grande modéstia, sinal incontestável da superioridade desse Espírito. Aí, com efeito, não há nenhum traço de jactância, de basófia, de desejo de dominar e de impor-se, que se nota nos que pertencem à classe dos pseudo-sábios, Espíritos sempre mais ou menos imbuídos de sistemas e de preconceitos, que procuram fazer prevalecer. Tudo no Espírito Humboldt, mesmo os pensamentos mais belos, respira simplicidade e denota ausência de pretensão.

GOETHE

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas – 25 de março de 1856

1. Evocação.

Resp. – Estou convosco.

2. Em que situação vos encontrais como Espírito: errante ou reencarnado?

Resp. – Errante.

3. Sois mais feliz do que quando vivo?

Resp. – Sim, pois me desembarcei do corpo grosseiro e percebo o que antes não via.

4. Parece-me que em vida não tínheis uma situação infeliz. Em que consiste a superioridade de vossa atual situação?

Resp. – Acabo de dizê-lo; vós, adeptos do Espiritismo, deveis compreender essa situação.

5. Qual a vossa opinião atual sobre o Fausto?

Resp. – É uma obra que tinha como objetivo mostrar a vaidade e o vazio da ciência humana e, por outro lado, naquilo que havia de belo e de puro, exaltar o sentimento do amor, castigando-o no que continha de desregrado e de mau.

6. Foi por uma certa intuição do Espiritismo que descrevestes a influência dos Espíritos maus sobre o homem? Como fostes levado a fazer essa descrição?

Resp. – Eu tinha a lembrança quase exata de um mundo onde via atuar a influência dos Espíritos sobre os seres materiais.

7. Lembráveis, então, de uma precedente existência?

Resp. – Sim, certamente.

8. Poderíeis dizer-nos se tal existência ocorreu na Terra?

Resp. – Não, porque aqui não se vê os Espíritos agindo; foi realmente num outro mundo.

9. Mas, então, devia tratar-se de um mundo superior à Terra, desde que aí podíeis ver os Espíritos em ação. Como pudestes vir de semelhante mundo para reencarnar num orbe inferior como o nosso? Retrogradastes? Dignai-vos explicar o que se passou.

Resp. – Era um mundo superior até certo ponto, mas não como o entendeis. Nem todos os mundos têm a mesma organização, sem que, por isso, tenham uma grande superioridade. Ademais, sabeis perfeitamente que entre vós eu cumpria uma missão que não podeis dissimular, porque ainda representais as minhas obras. Não houve retrogradação, considerando-se que servi e ainda sirvo para a vossa moralização. Eu aplicava aquilo que podia haver de superior no mundo precedente para corrigir as paixões de meus heróis.

10. De fato, vossas obras ainda são representadas.

Acabam de fazer a versão teatralizada do *Fausto*. Assististes à sua encenação?

Resp. – Sim.

11. Poderíeis externar a opinião sobre a maneira pela qual o Sr. Gounod interpretou vosso pensamento através da música?

Resp. – Gounod evocou-me sem o saber. Compreendeu-me perfeitamente. Como músico alemão eu não teria feito melhor. Talvez ele pense como músico francês.

12. Que pensais de Werther?

Resp. – Hoje eu lhe censuro o desfecho.

13. Essa obra não teria feito muito mal ao exaltar as paixões?

Resp. – Fez e causou desgraças.

14. Foi a causa de muitos suicídios. Sois responsável por isso?

Resp. – Se houve uma influência nociva espalhada por mim, é por isso mesmo que ainda sofro e disso me arrependo.

15. Creio que em vida nutríeis grande antipatia pelos franceses. Dá-se o mesmo atualmente?

Resp. – Sou muito patriota.

16. Estais ainda ligado a um país, de preferência a outro?

Resp. – Amo a Alemanha por seu pensamento e por seus costumes quase patriarcais.

17. Poderíeis dar-nos a vossa opinião sobre Schiller?

Resp. – Somos irmãos pelo Espírito e pelas missões. Schiller tinha uma alma grande e nobre, que se fazia refletir em suas obras; fez menos mal que eu. É-me bastante superior, porque era mais simples e mais verdadeiro.

18. Qual a vossa opinião sobre os poetas franceses em geral, comparados aos poetas alemães? Não se trata de um vão sentimento de curiosidade, mas de nossa instrução. Confiamos que os vossos elevados sentimentos nos dispensarão da necessidade de pedir que o façais imparcialmente, pondo de lado qualquer preconceito nacional.

Resp. – Sois bastante curiosos, mas vou satisfazer-vos:

Os franceses modernos muitas vezes escrevem belos poemas; entretanto utilizam mais palavras bonitas do que bons pensamentos; deveriam consagrar-se mais ao coração do que ao espírito. Falo em geral, mas faço algumas exceções em favor de alguns: um grande poeta pobre, entre outros.

19. Um nome é sussurrado na assembléia; é a ele que vos referis?

Resp. – Pobre, ou que passa por tal.

20. Sentir-nos-íamos felizes se obtivéssemos uma dissertação sobre assunto de vossa escolha, para a nossa instrução. Teríeis a bondade de ditar-nos alguma coisa?

Resp. – Fa-lo-ei mais tarde, e por outros médiuns; evocai-me em outra ocasião.

O NEGRO PAI CÉSAR ¹¹

Pai César, homem livre, de cor, falecido em 8 de fevereiro de 1859, com 138 anos de idade, perto de Covington, nos Estados Unidos. Nasceu na África e foi levado para a Louisiana com cerca de 15 anos. Os restos mortais desse patriarca da raça negra foram acompanhados ao campo de repouso por um certo número de habitantes de Covington, e uma multidão de pessoas de cor.

Sociedade, 25 de março de 1859.

1. [A São Luís]. – Poderíeis dizer-nos se podemos invocar o preto Pai César, a quem acabamos de nos referir?

Resp. – Sim; eu o auxiliarei a vos responder.

11 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

Observação – Esse começo faz pressagiar o estado do Espírito que desejamos interrogar.

2. Evocação.

Resp. – O que desejais de mim? O que faz um pobre Espírito como eu numa reunião como a vossa?

3. Sois mais feliz agora do que em vida?

Resp. – Sim, porquanto não era boa a minha situação na Terra.

4. Entretanto, estáveis livre; em que sois mais feliz agora?

Resp. – Porque meu Espírito não é mais negro.

Observação – Essa resposta é mais sensata do que parece à primeira vista. Certamente o Espírito jamais é negro; ele quer dizer que, como Espírito, não sofre mais as humilhações a que está exposta a raça negra.

5. Vivestes muito tempo. Isso aproveitou ao vosso progresso?

Resp. – Eu me aborreci na Terra e, numa certa idade, não sofria bastante para ter a felicidade de progredir.

6. Em que empregais o tempo atualmente?

Resp. – Procuo esclarecer-me e saber em que corpo poderei fazê-lo.

7. Quando estáveis na Terra o que pensáveis dos brancos?

Resp. – São bons, mas orgulhosos e vãos, devido a uma alvura de que não foram responsáveis.

8. Considerais a brancura como uma superioridade?

Resp. – Sim, visto ter sido desprezado como negro.

9. [A São Luís]. – A raça negra é de fato uma raça inferior?

Resp. – A raça negra desaparecerá da Terra. Foi feita para uma latitude diversa da vossa.

10. [Ao Pai César]. – Dissestes que procurais um corpo através do qual podereis progredir. Escolheríeis um corpo branco ou um corpo negro?

Resp. – Um branco, porque o desprezo me faria mal.

11. Vivestes realmente até a idade que vos é atribuída: 138 anos?

Resp. – Não contei bem, pela razão que já disse.

Observação – Acabamos de observar que os negros, não possuindo registro civil de nascimento, só de maneira aproximada podem ter a idade avaliada, sobretudo a daqueles que nasceram na África.

12. [A São Luís]. – Algumas vezes os brancos reencarnam em corpos negros?

Resp. – Sim. Quando, por exemplo, um senhor maltratou um escravo, pode acontecer que peça, como expiação, para viver num corpo de negro, a fim de sofrer, por sua vez, o que fez padecer os outros, progredindo por esse meio e obtendo o perdão de Deus.

Variedades

A PRINCESA DE RÉBININE

(Extraído do *Courrier de Paris*, de ... de maio de 1859)

Sabeis que todos os sonâmbulos, todas as mesas girantes, todas as aves magnetizadas, todos os lápis simpáticos e todas as cartomantes predizem a guerra há muito tempo?... Profecias nesse sentido têm sido feitas a uma multidão de personagens importantes que, afetando pouco importar-se com

essas pretensas revelações do mundo sobrenatural, não deixaram de ficar vivamente preocupadas. De nossa parte, sem resolver de pronto a questão num ou noutro sentido, e achando, aliás, que naquilo que o próprio François Arago duvidava, pelo menos é permitido não nos pronunciarmos, limitando-nos a relatar, sem os comentar, alguns fatos de que fomos testemunhas.

Há oito dias tínhamos sido convidados para uma reunião espírita na casa do Barão de G... À hora indicada todos os convidados, em número de apenas doze, achavam-se em volta da mesa... miraculosa, aliás uma simples mesa de acaju, sobre a qual, para começar, foi servido chá com os sanduíches de costume. Dos doze convivas, apressamo-nos em dizer, nenhum poderia razoavelmente incorrer na pecha de charlatanismo. O dono da casa, que conta com ministros entre seus parentes próximos, pertence a uma grande família estrangeira.

Quanto aos *fiéis*, compunham-se de dois oficiais ingleses muito distintos, um oficial de marinha francês, um príncipe russo bastante conhecido, um médico muito habilidoso, um milionário, um secretário de embaixada e duas ou três pessoas importantes do bairro de Saint-Germain. Éramos o único *profano* entre esses maiorais do *Espiritismo*, embora a nossa qualidade de cronista parisiense e de céptico por dever não permitisse fôssemos acusados de uma credulidade... excessiva. A reunião, pois, não podia ser suspeita de representar uma comédia. E que comédia! Uma comédia inútil e ridícula, em que cada um teria voluntariamente aceitado o duplo papel de mistificador e de mistificado? Isso não é admissível. E, afinal de contas, com que propósito? Com que interesse? Não seria o caso de perguntar: *A quem se engana aqui?*

Não, ali não havia má-fé nem loucura... Se quiserem, digamos que houve acaso... É tudo quanto nossa consciência permite conceder. Ora, eis o que se passou:

Depois de haverem interrogado o *Espírito* sobre mil coisas, perguntaram-lhe se as esperanças de paz, que então pareciam muito grandes, tinham fundamento.

– “Não”, respondeu ele com muita clareza em duas ocasiões diferentes.

– Teremos, pois, a guerra? – “Certamente”.

– Quando? – “Em oito dias.”

“Entretanto, o Congresso não se reúne senão no próximo mês... Isto afasta bastante a eventualidade de um começo de hostilidades. – “Não haverá Congresso.”

– Por quê? – “A Áustria se recusará.”

– E qual a causa que triunfará? – “A da justiça e do direito... a da França.”

– E a guerra, como será? – “Curta e gloriosa.”

Isto nos traz à memória um outro fato do mesmo gênero que se passou igualmente sob nossos olhos alguns anos atrás.

Quando da guerra da Criméia, todos se recordam que o Imperador Nicolau chamou à Rússia os súditos que residiam na França, sob pena de confiscar-lhes os bens, caso recusassem a obedecer a essa ordem.

Então nos encontrávamos em Leipzig, na Saxônia, onde, assim como em toda parte, havia um vivo interesse pela campanha que acabara de começar. Um dia recebemos o seguinte bilhete:

“Estou aqui por algumas horas apenas. Vinde ver-me no Hotel da Polônia, nº 13! Princesa de Rébinine.”

Já conhecíamos bastante a princesa Sofia de Rébinine, uma mulher distinta e encantadora, cuja história era todo um romance, que escreveremos alguma dia, e que nos dispensava consideração chamando-nos seu amigo. Apressamo-nos em atender ao amável convite, tão agradavelmente surpreendido e encantado ficamos, quando da sua passagem por Leipzig.

Era domingo, 13 e o tempo estava naturalmente cinzento e triste, como sempre ocorre nesta parte da Saxônia. Encontramos a princesa em sua casa, mais graciosa e espirituosa que nunca, apenas um pouco pálida e algo melancólica. Fizemos-lhe mesmo esta observação.

– Para começar, respondeu ela, parti como uma bomba. Tinha de ser assim, pois estamos em guerra e sinto-me um pouco fatigada da viagem. Depois, embora atualmente sejamos inimigos, não vos ocultarei que deixo Paris com muito pesar. Já me considerava quase francesa há muito tempo e a ordem do Imperador fez-me romper com um velho e doce hábito.

– Por que não ficastes tranqüilamente no vosso bonito apartamento da rua Rumfort?

– Porque me teriam cortado os subsídios.

– Mas como! Não contaís entre nós com tão numerosos e bons amigos?

– Sim... pelo menos o creio. Mas na minha idade uma mulher não gosta de se dar em hipoteca... os juros a pagar por vezes ultrapassam o capital! Ah! Se eu fosse velha seria outra coisa... Mas então não me emprestariam.

Nesse momento a princesa mudou de assunto.

– Ah! – disse ela – sabeis que tenho uma natureza muito absorvente. Aqui não conheço ninguém... Posso contar convosco durante o dia todo?

É fácil de adivinhar a nossa resposta.

A uma hora ouvimos o sino no pátio e descemos para o almoço no salão do hotel. Naquele momento todo mundo falava da guerra... e das mesas girantes.

No que concerne à guerra, a princesa estava certa de que a frota inglesa seria destruída no mar Negro e ela mesma se teria encarregado bravamente de incendiá-la, se o Imperador lhe houvesse confiado essa perigosa e delicada missão. Quanto às mesas girantes, sua fé era menos sólida, mas, mesmo assim, propôs que fizéssemos algumas experiências, com outro de nossos amigos, que lhe havíamos apresentado à sobremesa. Subimos então para os seus aposentos. Foi-nos servido café e, como chovesse, passamos a tarde inteira a interrogar uma mesinha redonda de apenas um pé, dessas que ainda se vê por aqui.

– E a mim – perguntou de repente a princesa – nada tens a dizer?

– Não.

– Por quê?

A mesinha bateu treze pancadas. Ora, deve-se lembrar que era um dia 13 e que o apartamento da Sra. Rébinine tinha o número 13.

– Isso quer dizer que o número 13 me é fatal? perguntou a princesa, um pouco supersticiosa com esse número.

– Sim, bateu a mesa.

– Não importa!... Sou um Bayard do sexo masculino e podes falar sem medo, seja o que for que tenhas a me anunciar.

Interrogamos a pequena mesa, que de início persistiu na sua prudente reserva, conseguindo, por fim, arrancar-lhe as seguintes palavras:

– Doente... oito dias... Paris... morte violenta!

A princesa achava-se muito bem; acabara de deixar Paris e não esperava rever a França tão cedo... A profecia da mesa era, pois, no mínimo absurda quanto aos três primeiros pontos... Quanto ao último, é inútil acrescentar que nele nem quisemos nos deter.

A princesa devia partir às oito horas da noite, pelo trem de Dresden, a fim de chegar a Varsóvia dois dias depois, pela manhã; mas perdeu o trem.

– O que posso fazer? – disse ela. Vou deixar aqui minha bagagem e tomarei o trem das quatro horas da manhã.

– Então retornareis ao hotel para dormir?

– Voltarei para lá, mas não me deitarei... Assistirei, do alto do *camarote dos estrangeiros*, ao baile desta noite... Quereis servir-me de cavalheiro?

O Hotel da Polônia, cujos imensos e magníficos salões não comportavam menos de duas mil pessoas, quase diariamente dava um grande baile, tanto no verão como no inverno, organizado por alguma sociedade do lugar, reservando para a assistência, no alto, uma galeria particular destinada aos viajantes que desejassem desfrutar do animado espetáculo e da excelente música.

Na Alemanha, aliás, os estrangeiros jamais são esquecidos e em toda parte têm seus camarotes reservados, o que explica por que os alemães que vêm a Paris pela primeira vez solicitam sempre, nos teatros e concertos, o *camarote dos estrangeiros*.

O baile daquele dia era muito brilhante e, embora fosse a princesa mera espectadora, tomava-se de verdadeiro prazer. Assim havia esquecido completamente a mesinha e sua sinistra predição, quando um dos garçons do hotel lhe trouxe um telegrama que acabava de chegar, concebido nos seguintes termos:

“Senhora Rébinine, Hotel da Polônia, Leipzig; presença indispensável Paris; graves interesses!”, seguindo-se a assinatura do procurador da princesa. Algumas horas mais tarde ela retomava a rota de Colônia, em vez de tomar o trem para Dresden. Oito dias depois soubemos que havia morrido!

Paulin Niboyet

Encontramos o relato seguinte numa notável coleção de autênticas histórias de aparições e de outros fenômenos espíritas, publicado em Londres no ano de 1682, pelo Reverendo J. Granville e pelo Dr. H. More. Intitula-se: “Aparição do Espírito Major Sydenham ao Capitão V. Dick”, extraída de uma carta do Sr. Jacques Douche, de Mongton, ao Sr. J. Granville.

“...Pouco tempo após a morte do Major Georges, o Dr. Th. Dyke, parente próximo do Capitão, foi chamado para tratar de uma criança doente. O médico e o capitão deitaram-se no mesmo leito. Após dormirem um pouco, o capitão chamou o criado e ordenou-lhe que trouxesse duas velas acesas, as maiores e mais grossas que encontrasse. O doutor perguntou-lhe o que isso significava. – Conheceis, disse o capitão, minhas discussões com o major, relativamente à existência de Deus e à imortalidade da alma:

não nos foi possível esclarecer esses dois pontos, muito embora sempre o tivéssemos desejado.

“Ficou combinado entre nós dois que aquele que morresse primeiro viria na terceira noite após os funerais, entre meia-noite e uma hora, ao jardim desta pequena casa e ali esclarecer o sobrevivente sobre o assunto. É hoje mesmo, disse o capitão, que o major deve cumprir a promessa. Em conseqüência, pôs o relógio perto dele e, às onze horas e meia levantou-se, tomou uma vela em cada mão, saiu pela porta dos fundos e passeou no jardim durante duas horas e meia. Ao retornar, declarou ao médico nada ter visto, nem nada ouvido que não fosse muito natural; mas, acrescentou, sei que meu major teria vindo, caso pudesse.

“Seis semanas depois, acompanhado pelo doutor, o capitão foi a Eaton, a fim de colocar o filho no colégio. Hospedaram-se num albergue chamado *Saint-Christophe*, ali permanecendo dois ou três dias; mas não dormiram juntos, como em Dalverson: ocuparam quartos separados.

“Certa manhã o capitão permaneceu no quarto mais tempo que de costume, antes de chamar o doutor. Por fim entrou no quarto deste último, a fisionomia completamente alterada, os cabelos eriçados, os olhos desvairados e o corpo todo a tremer. – “Que aconteceu, primo capitão?” – disse o major. O capitão respondeu: – “Vi meu major”. O doutor parecia sorrir. – “Eu vos afirmo que jamais o vi em minha vida, ou o vi hoje”. Então fez-me o seguinte relato: “Esta manhã, ao romper do dia, alguém se postou à beira do meu leito, arrancou as cobertas e gritou: *Cap, cap* [Era a maneira familiar que o major empregava para chamar o capitão]. Respondi: Ora! Meu major? – Ele continuou: Não pude vir no dia aprazado; mas, agora, eis-me aqui a dizer-vos: “Há um Deus, muito justo e terrível; se não mudardes de pele, vereis quando aqui chegardes”.

“Sobre a mesa havia uma espada que o major me tinha dado. Depois de ter dado duas ou três voltas no quarto, tomou da espada, desembainhou-a e, não a encontrando tão polida como deveria estar, disse: Cap, cap, esta espada era melhor cuidada quanto estava comigo. A estas palavras desapareceu subitamente.”

Não somente o capitão ficou perfeitamente persuadido da realidade do que tinha visto e ouvido, como desde então se tornou muito mais sério. Seu caráter, outrora jovial e leviano, modificou-se notavelmente. Quando convidava os amigos tratava-os com generosidade, mas se mostrava muito sóbrio consigo mesmo. As pessoas que o conheciam asseguravam que muitas vezes ele pensava ouvir, repetindo-se em seus ouvidos, as palavras do major, e isso durante os dois anos em que viveu após essa aventura.

Allan Kardec

